



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA INGLESA

GUTEMBERG NASCIMENTO COSTA FILHO

ORIENTADOR: PROF. DR. ANDERSON ALVES DE SOUZA

Análise Sistêmico-Funcional da Representação da Masculinidade  
Hegemônica em trecho do curta-metragem *All Too Well: The Short  
Film*

JOÃO PESSOA - PB  
2023

GUTEMBERG NASCIMENTO COSTA FILHO

ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DA REPRESENTAÇÃO DA  
MASCULINIDADE HEGEMÔNICA EM TRECHO DO  
CURTA-METRAGEM *ALL TOO WELL: THE SHORT FILM*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Letras - Língua  
Inglesa, da Universidade Federal da Paraíba,  
como requisito para obtenção do título de  
licenciatura em letras inglês.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Alves de Souza

JOÃO PESSOA - PB

2023

## AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a algumas pessoas pelo apoio e contribuição ao longo da minha jornada acadêmica. Primeiramente, agradeço ao meu orientador por ter me ajudado a concluir esse trabalho, pois foi um processo extenso e eu enfrentei muitas adversidades, mas ele sempre esteve disposto a ajudar e respeitar meu tempo. Segundamente, eu gostaria de agradecer à minha família por todo o suporte ao longo da minha vida e, em especial, da minha vida acadêmica. Minha família é o núcleo que me moldou ao que sou hoje, que apesar de todas as dificuldades, puderam me fornecer um espaço seguro e saudável para que eu pudesse alcançar meus objetivos e abraçar as oportunidades a mim ofertadas. Deixo meus agradecimentos aos meus pais, meus avós e minha irmã.

Em especial, gostaria de agradecer à minha tia, Maria Francilene Nascimento Costa, que sempre foi um grande alicerce na minha vida, que sempre esteve por perto e sempre me forneceu todo o carinho e atenção que ela tinha para dar. Descansa em paz, meu anjo!

Além deles, gostaria de agradecer aos meus amigos, em especial, os que me acompanharam durante toda minha jornada na UFPB: Igor, Heitor, Renato, Gustavo, Ana Maria, Adalberto, Renan, Eduardo, Rodrigo e tantos outros que fizeram parte dessa longa caminhada.

Agradeço também a todos os professores que fizeram parte desse processo e que me ajudaram, não só no âmbito acadêmico, mas no âmbito social, a exemplo de: Elizabeth, Dani Luna, Ribamar, Jailine, Andrea, Liane, Carla, Francieli, Jacilene e tantos outros.

Também gostaria de agradecer aos meus amigos de longa data, muitos dos quais me acompanham desde minha infância: Allef, Raphael, Allan, Vitor, Guilherme, Milena, Jessye Kessia e muitos outros. Agradeço também aos meus colegas de trabalho, que me ajudaram a ter certeza de que o caminho que eu escolhi é o certo pra mim: Mariana, Marcos, Selton, Dorivan, Igor, Carol, Renata, Lucia e, em especial, toda a família Yázigi.

E por fim, a pessoa mais importante que me acompanha desde 2017 e espero que continue a me acompanhar para o resto da minha vida, minha melhor amiga, namorada, noiva e futura esposa Ianara, minha Nara. Eu sou grato a ti por ter estado ao meu lado, por ter me ajudado tanto e por ter sido meu norte por todo esse tempo. Muito obrigado por ter feito parte de tudo isso e, principalmente, por ter me ajudado e me dado a oportunidade de percorrer um caminho repleto de colegas, amigos e felicidade. Nada disso seria possível sem você, eu te amei, eu te amo e sempre vou te amar, minha melhor e maior conquista, Nara.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga características da masculinidade hegemônica tóxica dentro de uma relação romântica heterossexual contemporânea analisando o diálogo presente no videoclipe da música “All Too Well: The Short Film”, da cantora estadunidense Taylor Swift. A investigação do conceito de masculinidade tóxica hegemônica foi construída a partir dos textos de Chagas e Martins (2022), Connell e Messerschmidt (2013), Paula e Rocha (2019), e Nigro e Baracat (2018). O aparato teórico utilizado para a investigação linguística deriva da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004), Hasan (1989) e Eggins (2004). A pesquisa revelou que a mulher utilizou apenas quatro elementos estruturais, a saber: apontamento de problema, questionamento legítimo, reforço positivo da posição dele e comentários sarcásticos. O homem, por sua vez, fez uso de nove elementos em seus enunciados: negação de saber o motivo da reclamação, pedido “falso” de esclarecimento, comentários sarcásticos, inversão de responsabilidade, tentativa de se justificar, acusações falsas, avaliações e julgamentos negativos, palavras. A análise de transitividade revelou o uso de processos mentais com o homem no papel de Experienciador, se escusando da sua responsabilidade, enquanto a mulher é representada nos papéis de Portadora de atributos negativos e Dizente em processos verbais caluniosos construídos pelo homem. Espera-se que o trabalho possa contribuir para um melhor entendimento sobre a discussão em torno das construções linguísticas envolvendo práticas discursivas constituidoras da masculinidade hegemônica tóxica.

**Palavras-chave:** Masculinidade Hegemônica Tóxica. Taylor Swift. Videoclipe da música All too well. Linguística sistêmico-funcional.

## ABSTRACT

This final paper investigates characteristics of toxic hegemonic masculinity within a modern heterosexual romantic relationship by analyzing the dialogue present in the music video for the song "All Too Well: The Short Film", by American singer Taylor Swift. The investigation of the concept of hegemonic toxic masculinity was built from the texts of Chagas and Martins (2022), Connell and Messerschmidt (2013), Paula and Rocha (2019), and Nigro and Baracat (2018). The theoretical apparatus used for the linguistic investigation derives from the Systemic-Functional Linguistics of Halliday and Matthiessen (2004), Hasan (1989) and Eggins (2004). The research revealed that the woman used only four structural elements, namely: pointing out a problem, questioning legitimately, positive reinforcement of his position, and sarcastic comments. The man, in turn, made use of nine elements in his statements: denial of knowing the reason for the complaint, "false" request for clarification, sarcastic comments, reversal of responsibility, attempt to justify himself, false accusations, negative evaluations and judgments, and curse words. The transitivity analysis revealed the use of mental processes with the man in the role of Senser excusing himself from his responsibility, while the woman is represented in the roles of Carrier of negative attributes and Sayer in slanderous verbal processes constructed by the man. It is hoped that the work can contribute to a better understanding of the discussion around linguistic constructions involving discursive practices that constitute toxic hegemonic masculinity.

**Keywords:** Toxic Hegemonic Masculinity. Taylor Swift. Music video All Too Well. Systemic-functional linguistics.

## SUMÁRIO

<b>1. CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2. CAPÍTULO 2: ORIGEM E CONCEITO DO TERMO “MASCULINIDADE HEGEMÔNICA”</b> .....	8
<b>3. CAPÍTULO 3: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E MÉTODO</b> .....	13
<b>3.1 A Linguística Sistêmico-Funcional como semiótica social</b> .....	13
<b>3.2 Gênero textual e elementos estruturais</b> .....	14
<b>3.3 O sistema da transitividade de Halliday</b> .....	16
<b>3.4 Método</b> .....	17
<b>4. CAPÍTULO 4: RESULTADO E DISCUSSÃO DA ANÁLISE</b> .....	19
<b>4.1 Mulher</b> .....	19
4.1.1 Apontamento de problema.....	19
4.1.2 Questionamento legítimo.....	20
4.1.3 Reforço positivo da posição dele.....	20
4.1.4 Comentários sarcásticos.....	21
<b>4.2 Homem</b> .....	21
4.2.1 Negação de saber o motivo da reclamação.....	21
4.2.2 Pedido “falso” de esclarecimento.....	22
4.2.3 Comentários sarcásticos.....	23
4.2.4 Inversão de responsabilidade.....	23
4.2.5 Tentativa de se justificar.....	24
4.2.6 Acusações.....	25
4.2.7 Avaliações e julgamentos negativos.....	25
4.2.8 Palavrões.....	26
4.2.9 Coda.....	26
<b>5. CAPÍTULO 5: COMENTÁRIOS FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32
<b>APÊNDICE 1: ANÁLISE ESQUEMÁTICA DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS</b> .....	34
<b>APÊNDICE 2: ANÁLISE DE TRANSITIVIDADE</b> .....	39

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO

Nos últimos cinco anos venho me familiarizando com a vida e a obra da cantora, compositora, roteirista, produtora e diretora estadunidense Taylor Alison Swift. Durante esse tempo, notei que houve uma evolução em suas composições, com a artista começando a abordar temas socialmente relevantes e, de alguma forma, presentes na vida pessoal dela, a exemplo, vícios, luto, homofobia, empoderamento feminino e machismo. Um dos motivos dessa pesquisa foi meu ambiente familiar, que assim como muitos outros estava e está repleto de masculinidade tóxica.

Quando ainda era uma criança sempre notava comportamentos que me deixavam desconfortável entre homens e mulheres da família mas eram tratados como algo ‘normal’ e só pude entender todas essas problemáticas após estudar e compreender o objeto proposto, se estendendo para essa monografia.

O seu quarto álbum, intitulado “*RED*” (2012), foi renomeado e relançado como “*RED (Taylor’s Version)*” (2021). Neste álbum, a artista lançou um curta metragem para a música “*All Too Well (10 minute version) (Taylor’s Version)*”. Durante o curta é apresentada uma relação romântica heterossexual, que chamou atenção para a seguinte pergunta de pesquisa: como o curta metragem “*All Too Well: The Short Film*” representa a masculinidade hegemônica em um relacionamento heterossexual moderno?

A partir dessa problemática, surgiu o objetivo geral desta pesquisa de identificar características da masculinidade hegemônica dentro de uma relação romântica heterossexual contemporânea analisando o diálogo do curta metragem “*All Too Well: The Short Film*”, de Taylor Swift. Nesse sentido, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- A) Explorar os conceitos e as características da masculinidade hegemônica ao longo da história dentro do curta metragem;
- B) Investigar os enunciados discursivos da mulher e as estratégias linguísticas empregadas pelo homem em seus enunciados constitutivos da masculinidade tóxica, com base nos conceitos de gênero textual e elementos estruturais de Hasan (1989) e Eggins (2004);
- C) Analisar os papéis de participante do homem e da mulher nas falas tóxicas do homem, sob o prisma do Sistema de Transitividade (Halliday; Matthiessen, 2004).

Além desta seção introdutória, o trabalho está organizado da seguinte maneira: O capítulo 2 faz uma breve descrição sobre a origem e conceito do termo “masculinidade hegemônica”; O capítulo 3, por sua vez, apresenta a fundamentação teórica e o método utilizados na análise de transitividade, derivadas da Linguística Sistêmico-funcional (Halliday; Matthiessen, 2004; Hasan (1989); Eggins (2004); O capítulo 4 apresenta os resultados e a discussão da análise; e, por fim, o capítulo 5 apresenta algumas considerações finais sobre a presente pesquisa.

## CAPÍTULO 2

### ORIGEM E CONCEITO DO TERMO “MASCULINIDADE HEGEMÔNICA”

Ao longo dos últimos anos do século XXI, se observa cada vez mais a evidência e o combate ao que é denominado “masculinidade hegemônica”, ou, como é mais comumente citada, “masculinidade tóxica”, que é uma masculinidade que não só traz problemas para as mulheres, mas também para os homens.

De acordo com Connell e Messerschmidt (2013), “pesquisas sobre homens e masculinidade estavam se consolidando como campo acadêmico apoiado por uma série de conferências, pela publicação de livros e revistas acadêmicas, e rapidamente expandiu a agenda de pesquisas nas ciências sociais e humanidades” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245). Os autores trazem como conceito de masculinidade hegemônica:

[...] um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. [...] ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245).

Dentro desse conceito, os autores explicam que a masculinidade hegemônica se mantém pela força, pela significativa ascendência cultural e pela violência. A exemplo da manutenção pela força e pela violência temos crimes específicos como abusos sexuais, assédio moral, crimes de colarinho branco e repressão de movimentos feministas. Na questão da ascendência cultural, pode-se exemplificar o uso das mídias do entretenimento para representar a dominação masculina. A obtenção do privilégio e do poder pelos homens se fortalece quando a cumplicidade de outros homens, os que não "praticam" ou não se encaixam nos padrões da masculinidade hegemônica, reforçam sua prática pelo silêncio.

Apesar de influenciar fortemente a sociedade contemporânea, pode-se identificar traços da masculinidade hegemônica desde a Grécia Antiga, “em que a mulher possuía posição social equivalente a dos escravos, e o conceito de liberdade significava ‘ser homem e não mulher, ser ateniense e não estrangeiro, ser livre e não escravo’” (Nigro; Baracat, 2018, p. 6). Na Grécia antiga, o homem exerce papéis fundamentais para a sociedade, em especial nos âmbitos da política, filosofia e das artes, além de sua importância militar.

Avançando um pouco mais na história para a era medieval, alguns traços e trejeitos da masculinidade hegemônica predominavam na sociedade e muitos deles são reforçados até os dias de hoje. Como dizem Nigro e Baracat (2018):

O declínio da sociedade do período medieval proporcionou mudanças no ideal de masculinidade, mas preservou muitas de suas características, redefinindo seu significado perante a sociedade. Atributos como a responsabilidade e a competência na realização de tarefas passam a validar a autenticidade da masculinidade, junto com a lealdade, probidade, coragem, bravura, sobriedade e perseverança, e as características em que a violência explícita é predominante passam a ser rejeitadas (Oliveira, 2004, apud Nigro; Baracat, 2018, p. 6).

Durante o período medieval a ‘honra’ tinha grande peso entre os homens, podendo gerar duelos em defesa da mesma, violência explícita e justificada para a época, transformando a covardia na maior das ofensas, pois recai diretamente sobre a honra do sujeito homem. De acordo com Nigro e Baracat (2018), os duelos por honra podem ser classificados atualmente como ‘masculinidade tóxica’, visto que esse tipo de comportamento, na época medieval, era incentivado e justificado. Comportamento agressivo e a repressão de sentimentos eram marcas indicadoras da masculinidade durante o período.

Oliveira (2004, apud Nigro; Baracat, 2018, p. 7) explica que “o duelo era visto como mecanismo passível de dissolver os conflitos masculinos que não estivessem previstos em lei”; ou seja, era comum os duelos se iniciarem por qualquer tipo de ofensa em relação à honra do outro. No mecanismo do duelo havia regras, juízes e testemunhas para validar o ‘combate’, podendo apenas se alcançar uma de três finalidades: a manutenção, a conquista ou a ruína em relação a status e a honra. Um dos objetivos principais do duelo era a conquista do respeito e a reafirmação e legitimação da masculinidade do homem perante outros homens.

Outro ideal masculino que perpassa desde a Grécia antiga, pelo período medieval e conserva-se durante o período moderno da história da humanidade, é o militarismo. De acordo com Nigro e Baracat (2018), esse aspecto traz ainda princípios medievais, a exemplo da bravura e “o auto sacrifício em prol dos ideais do estado” (Nigro; Baracat, 2018, p.8). Como pode ser observado no texto das autoras, o homem acreditava na honra e dignidade em morrer por suas convicções em relação à pátria e sua existência. O militarismo, pela perspectiva de Oliveira (2004),

[...] exigia o lado guerreiro, heroico e que se sacrifica pelos ideais nacionais, mas em contrapartida, a burguesia exigia o lado responsável, comedido e autocontido. A conciliação desses dois ideais de masculinidade só foi possível devido ao processo civilizador, que justificou a necessidade de haver um equilíbrio entre “o homem da

guerra” e “o homem burguês”, pois ambos eram necessários para a manutenção da sociedade (Oliveira, 2004, apud Nigro; Baracat, 2018, p. 8).

Além do militarismo, a família e a religião consolidaram outras perspectivas da masculinidade hegemônica no período moderno. Na família, foi necessário preservar a imagem do homem e o protagonismo do pai na família nuclear. A religião também desempenhou papel fundamental para reforçar ideais de gênero e, eventualmente, subjugar o posicionamento da mulher perante o ideal de hegemonia masculina.

O modelo de família nuclear criou mais um espaço dentro da sociedade onde o homem toma o protagonismo e a dominação ideológica. Enquanto isso, o papel feminino tornou-se de submissão e de “pureza”. De acordo com Nigro e Baracat (2018 p. 7-8), “[...] o modelo de família nuclear se impôs a todos, e unificou os ideais de sexo, amor e família [...], a sexualidade passou a [...] ser vivida apenas após o matrimônio”. Entretanto, a questão da virgindade se atrela mais à responsabilidade feminina que à masculina, em função da subjugação da mulher, imposta principalmente pela religião hegemônica da época.

Enquanto isso na religião, os papéis de gênero foram se moldando e qualquer forma ou modelo em desacordo com a família nuclear era considerado, de acordo com as autoras, uma afronta à masculinidade. A família nuclear acorrenta o homem ao “papel de provedor obrigatório” (Nigro; Baracat, 2018, p. 9) e a inversão desse papel é vista de forma negativa. Mais uma vez, pode-se notar que o modelo da família nuclear acostuma a sociedade à práticas tóxicas, minimizando e depreciando a mulher e as múltiplas possibilidades de atuação de seu gênero dentro da sociedade.

Para além da depreciação feminina, a religião pregou papel fundamental em limitar as masculinidades que fogem da hegemonia. De acordo com as autoras “[...] a prática homossexual entre homens representava uma ameaça aos ideais de família.” (Nigro; Baracat, 2018, p. 9). Considerando que, como foi dito anteriormente, o papel do homem na sociedade, além de sua persona militar, se tornou o protagonismo dentro do modelo prevalente de família nuclear, uma das principais preocupações em relação a formação do homem como pessoa era a questão de sua sexualidade - em específico, o medo da ameaça da homossexualidade a esse modelo familiar. Como coloca Oliveira (2004):

Na formação moral de um garoto, a maior preocupação não era com o seu caráter, e sim qualquer traço de feminização. Para rechaçar qualquer dúvida acerca de sua sexualidade, era necessário que os homens atingissem um certo padrão físico e, posteriormente seguisse os preceitos dos ideais de matrimônio (Oliveira, 2004, apud Nigro; Baracat, 2018, p. 9).

Assim, masculinidade hegemônica impôs o papel do homem e da mulher de forma ativa e passiva. O homem, pai, trabalhador, centro do núcleo familiar assume seu protagonismo. Sua posição é a de demandar e fazer escolhas que vão afetar todo aquele núcleo, não se importando com a opinião dos seus coadjuvantes. Enquanto o homem prega o papel de protagonista, a mulher cumpre seu papel passivo, delicado e apoiador, cumprindo as demandas e necessidades de seu protagonista, nem sequer questionando ou enfrentando suas decisões.

Já alcançando a contemporaneidade, com o surgimento dos movimentos feministas e do papel mais ativo das mulheres dentro da sociedade, o conceito de masculinidade hegemônica citado até agora começa a perder alguns de seus aspectos, como violência explícita, e parte de seus ideais supremacistas. De acordo com Paula e Rocha (2019),

Atualmente, grande parte da sociedade repudia atitudes machistas, mas, por outro lado, ainda parece fazer pouco para conscientizar os homens em relação ao caminho que os trouxe até aqui e ao que precisam fazer para sair do ponto onde chegaram (Paula; Rocha, 2019, p. 83).

Anteriormente, portanto, o conceito de masculinidade hegemônica, hoje visto como machismo, trouxe os homens ao topo da sociedade. Atualmente, questiona-se a forma com que esse mecanismo adquiriu tal força, sendo repudiado, mas ainda muito presente dentro da sociedade. Os homens, por sua vez, se deparam diante de um dilema: ou eles se conscientizam e tentam se desprender do conceito de masculinidade hegemônica, ou acabam reproduzindo o mesmo de forma subconsciente e, em alguns casos, de forma consciente.

Neste trabalho considera-se como machismo o conceito dado por Nigro e Baracat (2018):

O machismo como subproduto da construção social da masculinidade subjugava as mulheres de acordo com os pressupostos antiquados de superioridade masculina. É graças a ele que as mulheres têm salários inferiores, [e] seus corpos, vestimentas, comportamentos e sexualidade censurados (Nigro; Baracat, 2018, p. 13).

A masculinidade hegemônica foi-se atualizando para a sociedade contemporânea, porém suas raízes e núcleo se mantiveram. É possível notar muitas semelhanças entre os diferentes tipos de masculinidade hegemônica, porém, essas semelhanças foram ficando mais sutis e lapidadas para se encaixarem aos novos formatos de sociedade na qual a agressão física é repudiada, o que nos leva ao conceito de violência simbólica de Bourdieu (2012). Os autores explicam que a violência simbólica é

[...] suave, insensível, e invisível a suas próprias vítimas, que se exerce puramente pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento [...] (Bourdieu, 2012, apud Paula; Rocha, 2019, p. 83).

A violência simbólica, suave, insensível e invisível citada por Bourdieu (2012) foi nomeada no campo da psicologia como *gaslight*, uma forma de oprimir a mulher, distorcendo fatos e diálogos. Chagas e Martins (2022), com base em Souza (2017), definem *gaslight* como “[...] uma agressão sutil à mulher, pois de forma invisível o agressor a manipula, engana, distorce a realidade e informações, cria situações que a confunde, ameniza o desrespeito, esconde a agressividade, intoxica a identidade da vítima.” (Chagas; Martins, 2022, p. 581). Na contemporaneidade, esse tipo de violência se tornou normalizada por ser mais socialmente aceita do que a violência física, que vem sendo mais discutida e condenada desde o surgimento dos movimentos feministas. Principalmente nas relações românticas heteronormativas essa característica da masculinidade tóxica vem se potencializando recentemente.

De Paula e Da Rocha (2019) esclarecem que para que haja mudanças, os homens devem discutir e refletir sobre quem são dentro da nossa sociedade. É interessante como as autoras mencionam que a mudança deve vir de dentro; entretanto, com todo o aporte teórico apresentado até o momento nota-se como o homem geralmente só escuta a outro homem. Porém, ainda há controvérsias sobre qual homem, ou nesse caso, masculinidade, pode servir de porta voz para que haja tal reflexão. Por mais que venhamos a viver em uma sociedade contemporânea, muitas vezes é implícito como o homem mais viril, forte e honrado tem muito mais poder e dominação sobre outros homens, dado que ele seria a “perfeita” representação da masculinidade hegemônica.

Essa representação pode ser observada em diversos aspectos da sociedade contemporânea, como visto anteriormente, incluindo as mídias de entretenimento. Um exemplo disso seria a representação de uma relação amorosa tóxica no curta-metragem *All too well: The short film*, da cantora e compositora norte-americana Taylor Swift, do qual um trecho será analisado neste trabalho, a partir da perspectiva da linguística sistêmico-funcional.

## CAPÍTULO 3

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E MÉTODO

Os objetivos principais deste capítulo são apresentar uma descrição sucinta a respeito da Linguística Sistêmico-Funcional como semiótica social e também descrever os principais conceitos envolvendo a análise de gênero textual (Hasan, 1989; Eggins, 2004) e do sistema de transitividade (Halliday; Matthiessen, 2004) utilizados no presente trabalho. Em seguida, apresentamos uma breve descrição acerca do método empregado na organização da análise.

O motivo da escolha desse curta metragem é o fato de ser pontual e assertivo no âmbito da relação entre o homem e a mulher, o trabalho de roteiro e direção é muito relevante para a análise esquemática porém não iremos trabalhar com análise das imagens ou de vídeo, o texto foi o ponto mais relevante para essa monografia.

#### **3.1 A Linguística Sistêmico-Funcional como semiótica social**

A linguística, sistêmico-funcional é uma teoria desenvolvida a partir do trabalho do linguista Michael Halliday e de sua concepção do fenômeno linguístico como um construto social em que o conteúdo verbal e o contexto situacional e cultural de um texto sempre refletem suas funções sociais.

De acordo com Gouveia (2009), a linguística sistêmico-funcional é formulada a partir de uma perspectiva descritiva com base no uso real da linguagem. Essencialmente, é uma teoria que procura descrever léxico-gramaticalmente a linguagem de maneira coesa, oferecendo explicações plausíveis sobre como e por que a língua varia em conformidade com diferentes grupos de falantes e situações de utilização. Em outras palavras, a linguística sistêmico-funcional (LSF) estuda e analisa como um sistema semiótico social.

Ademais, Halliday e Matthiessen (2004) explicam que o ser humano é um ser social e sua fala acarreta suas intenções de forma consciente ou inconsciente, pois dialogar é um exercício de escolhas das palavras. Por meio dos significados realizados por nossas palavras, comunicamos nossas intenções, desejos e sentimentos e tentamos ajustar como queremos que nossa fala seja percebida e recebida por aqueles que nos escutam.

A linguística sistêmico-funcional desenvolveu várias ferramentas e conceitos que permitem a análise e compreensão de uma língua e as diversas situações e contextos de uso da linguagem. De acordo com Gouveia (2009), “ela fornece também instrumentos de descrição,

uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos, pelo que, adicionalmente, pode ser encarada como um modelo de análise textual” (Gouveia, 2009, p. 14).

### 3.2 Gênero textual e elementos estruturais

Baseando-se na definição de texto de Halliday como uma unidade linguística com um propósito comunicativo em um determinado contexto, Hasan (1989) elabora a hipótese de que texto e contexto estão intimamente relacionados ao ponto em que não podem ser separados um do outro. Segundo Hasan (1989), um dos atributos mais marcantes de qualquer texto é sua unidade de estrutura. Ela explica que a unidade de estrutura, ou simplesmente, a estrutura de um texto, refere-se à organização estrutural geral de um texto visto como uma unidade, que ela encapsula através das noções de elementos obrigatórios e opcionais, bem como sua sequência e a possibilidade de iteração. Os elementos obrigatórios são os elementos que devem ocorrer para que um texto possa ser considerado completo. Para ela (1989, p. 62), “os elementos obrigatórios definem o gênero ao qual pertence um texto”. Já a noção de opcionalidade refere-se a um elemento “que pode ocorrer, mas não é obrigado a ocorrer”. O conceito de sequência implica a ordem em que os elementos podem ocorrer. E, finalmente, iteração refere-se a elementos que podem ocorrer várias vezes na estrutura de um texto.

A gama total de elementos estruturais obrigatórios e opcionais, juntamente com sua ordem de sequência e possível iteração, é referida por Hasan como o Potencial de Estrutura Genérica (PEG), de um gênero. A autora também explica que o PEG é uma "declaração geral sobre um gênero como um todo" (1989, p. 98) e, portanto, não se refere à estrutura de nenhum texto individual. Consequentemente, as palavras e frases de dois textos não precisam ser idênticas para que possam ser considerados como pertencentes ao mesmo gênero, uma vez que um texto pode conter infinitas variantes dentro de seu gênero.

Em relação à difícil tarefa de identificar os limites dos elementos estruturais de um texto, Hasan (1989, p. 67) argumenta que "não existe uma correspondência perfeita entre um elemento estrutural e uma oração ou sentença". Por essa razão, ela argumenta que o melhor critério para descrever a realização de um elemento genérico se dá por meio de suas características semânticas, e não léxico-gramaticais, uma vez que existe uma gama ampla de realização de um determinado significado, e as propriedades mais pormenorizadas de uma categoria semântica não são dependentes do seu contexto genérico. No entanto, é importante salientar que, embora Hasan afirme que não há "nenhuma correspondência de um-para-um"

entre um elemento estrutural e uma unidade linguística específica, a oração é vista dentro da LSF como a unidade básica de análise. Por essa razão, geralmente, a oração é considerada como a unidade 'típica' capaz de realizar os elementos estruturais encontrados em um determinado gênero textual.

Corroborando o conceito de gênero de Hasan, Eggins argumenta que (2004, p. 54) a LSF identifica um gênero textual de acordo com o propósito comunicativo que o mesmo possui dentro de seu contexto cultural. Eggins explica também que o ato de identificar o gênero de um texto tem importância para a análise textual, pois sugere que um fator que contribui para o significado do texto é sua identidade genérica.

Baseando-se em Martin (1984), Eggins (2004) define um gênero textual como uma atividade social organizada por meio de elementos (estágios) estruturados e orientados para o alcance de um objetivo reconhecido e convencionado pelos falantes de uma cultura. Alguns exemplos de gêneros textuais reconhecíveis são os gêneros acadêmicos e literários (incluindo ficção e não-ficção), e também uma extensa gama de gêneros pertencentes ao cotidiano comum, tais como notícias de jornais, propagandas, piadas, sermões, agendamento de consultas, contar histórias, conversar com amigos e trocar opiniões. Ela explica que para entender melhor esses gêneros é necessário conhecer a identidade genérica do texto, que é composta de três dimensões: a configuração do registro (ou contexto de situação e de cultura), a estrutura esquemática e a realização léxico-gramatical dos elementos da estrutura esquemática.

Entretanto, Eggins argumenta que os gêneros textuais em situações envolvendo o uso da linguagem em interações faladas podem apresentar uma estrutura esquemática mais complexa. Eggins (2004, p. 74) explica ainda que em conversas casuais sustentadas entre um grupo de amigos ou colegas de trabalho, embora possa haver momentos com uma estrutura genérica bem reconhecível (quando alguém está contando uma história, por exemplo), pode haver longos segmentos de conversa que parecem não ter uma estrutura genérica clara. Isto acontece não pelo fato de uma conversa ser desestruturada, mas sim por que uma conversa é estruturada de uma maneira diferente, visto que tem motivações e objetivos diferentes.

Nesse sentido, Eggins (2004) faz a distinção entre interações pragmáticas e interpessoais. A primeira tem uma meta explícita a ser alcançada para atingir determinado objetivo (por exemplo, comprar comida em um supermercado), enquanto a segunda é motivada pela intenção de interagir e estabelecer relações interpessoais. Assim, considerando que o objetivo principal de uma conversa pessoal é alcançar objetivos interpessoais, sua estrutura esquemática tende a ser construída mais livremente; porém, a autora adverte que

reconhecer diferentes padrões estruturais não diminui de forma alguma a reivindicação central da abordagem sistêmico-funcional de que todas as interações possuem uma organização estrutural esquemática e são orientadas para a realização de objetivos, ainda que esses objetivos sejam menos tangíveis que marcar uma consulta ao dentista ou escrever um artigo acadêmico para publicação.

A distinção entre gêneros pragmáticos e interpessoais é bastante relevante para o nosso estudo, uma vez que a interação verbal examinada em nossa pesquisa, ou seja, o diálogo/discussão entre o homem e a mulher no vídeo da música de Taylor Swift, é caracterizada como sendo de natureza interpessoal e orientada para uma suposta construção e compartilhamento de experiências pessoais relacionadas à prática social de discutir a relação entre um casal. Nossa intenção ao utilizar os conceitos envolvendo a noção de gênero textual e de seus elementos estruturais (Hasan, 1989; Eggins, 2004) se alicerça na premissa de que assim como podemos identificar e descrever as características de um gênero textual de cunho mais pragmático, como um artigo acadêmico com os elementos Introdução, Revisão de Literatura, Arcabouço Teórico, Método, Resultados, Discussão e Conclusão, também podemos identificar e descrever os elementos estruturais constituidores da estrutura de uma interação linguística de natureza mais interpessoal como nosso objeto de estudo. Com isso, esperamos poder visualizar e estabelecer com mais clareza unidades linguísticas com significados estruturais maiores, assim como suas funções e seus efeitos discursivos na criação das estratégias verbais de masculinidade tóxica utilizadas pelo homem.

### 3.3 O sistema da transitividade de Halliday

Uma outra ferramenta teórica desenvolvida pela LSF é o sistema de transitividade que se dá pela análise das frases de um texto a partir dos conceitos de participantes, processos e circunstâncias contidos nelas. Halliday e Matthiessen classificam os processos em seis tipos: material, mental, relacional, verbal, existencial e comportamental.

Os processos **materiais** referem-se a eventos mais concretos, ou seja, aqueles que têm um efeito tangível no mundo real. Participantes nesse tipo de processo incluem o **Ator**, responsável pela ação, e a **Meta**, afetada por ela. Outro participante que pode constar é o **Iniciante**, que é o agente que provoca uma ação do Ator.

Processos **mentais**, por sua vez, são usados para descrever eventos relacionados ao pensamento, percepção, desejo ou emoção. Neste contexto, o **Experienciador** é a pessoa que experimenta ou percebe o evento mental, enquanto o **Fenômeno** é o elemento sendo

experimentado, desejado ou percebido. Um processo mental pode também apresentar o **Indutor**, que é o participante que provoca uma “ação” mental do Experienciador.

Os processos **relacionais** são utilizados para atribuir características e identidades aos participantes, normalmente realizados pelos verbos "ser" e "estar". De modo resumido, existem três tipos de processos relacionais: atribuição, identificação e posse. O participante que possui a característica é chamado de **Portador**, e a qualidade é denominada **Atributo**. Em uma relação de identidade, temos o **Identificado** e o **Identificador**, isto é, o elemento que faz a identificação. Já em uma relação de posse, os participantes são o **Possuidor** e o objeto **Possuído**. Um processo relacional pode também apresentar um **Atribuidor**, que possui uma função similar ao Iniciador e ao Indutor, ou seja, ele faz com que o Portador venha a ter um atributo.

Os processos **verbais** envolvem a dimensão simbólica de criar e comunicar declarações linguísticas, como falar, perguntar, questionar e relatar, bem como processos que incluem julgamentos, sejam eles positivos ou negativos, como elogiar, exaltar, criticar e acusar. Neste tipo de processo, os papéis dos participantes são definidos da seguinte forma: o Dizente, que é a pessoa que emite a declaração; **Verbiagem**, que é o conteúdo do que está sendo comunicado; o Receptor, que é a pessoa para quem a mensagem é direcionada; e o **Alvo**, que é o participante mencionado em um processo de julgamento.

Por último, os processos **existenciais**, geralmente realizados pelos verbos ter e haver, indicam a existência de um participante denominado **Existente**, enquanto os **comportamentais** expressam ações de cunho fisiológico involuntário, tais como tossir, tremer, engasgar-se, vomitar, respirar e sonhar. O participante nesse caso é chamado de **Comportante**. Também pode haver elementos circunstanciais que complementam os processos, que são realizados por locuções adverbiais de tempo, espaço, causa, modo, acompanhamento, etc.

Com a análise de transitividade, esperamos poder ver com mais detalhes as nuances e os papéis de participantes atribuídos ao homem e à mulher, principalmente na fala do homem e de suas estratégias linguísticas de masculinidade tóxica.

### 3.4 Método

O estudo aqui apresentado é de natureza qualitativa-interpretativista e tem como objetivo identificar os principais elementos estruturais constituidores da interação linguística entre o homem e a mulher no vídeo investigado. A análise também buscou identificar algumas

características essenciais relativas às configurações de transitividade nos elementos estruturais pertinentes à fala homem.

O primeiro passo da análise consistiu em ler cuidadosamente todas as ocorrências verbais da discussão entre o homem e a mulher. Em seguida, as interações foram inspecionadas e comparadas, com o intuito de encontrar semelhanças que pudessem indicar um elemento estrutural com um determinado papel funcional. Então, os trechos foram divididos em unidades capazes de realizar os elementos estruturais identificados de acordo com suas fronteiras textuais percebidas e seus papéis funcionais. Ressaltamos novamente que na LSF a oração é concebida como a unidade básica – mas não a única – capaz de realizar os elementos estruturais encontrados nos trechos investigados. A transcrição da discussão entre os personagens se encontra no anexo, a análise esquemática se encontra no apêndice 1 e a análise de transitividade no apêndice 2.

## CAPÍTULO 4

### RESULTADO E DISCUSSÃO DA ANÁLISE

O objetivo desse capítulo é mostrar os resultados obtidos a partir da análise e oferecer uma discussão sobre os mesmos. Como explicado anteriormente, utilizamos os conceitos de elementos estruturais genéricos de Hasan (1989) e Eggins (2004) e o sistema de transitividade de Halliday e Matthiessen (2004) para analisar a linguagem utilizada pelo casal, a fim de descobrir como a masculinidade tóxica se desdobra nas suas entrelinhas.

#### 4.1 Mulher

Começamos apresentando primeiro os dados relativos à participação linguística da mulher.

##### 4.1.1 Apontamento de problema

Um elemento bastante encontrado no texto foi o apontamento de problemas pela mulher. A análise revelou que a mulher verbalizou 12 ocorrências dos problemas identificados por ela.

*I didn't like the way you acted around them.*

*Because you wouldn't look at me!*

*You could ask me one thing the entire night.*

*You dropped my fucking hand!*

*I don't know any of these people, they're all strangers.*

*They're all older than me.*

*I feel so out of place, ...*

*You won't even look at me!*

*You just treated me differently.*

*You didn't even look at me once!*

*You didn't even look at me.*

*Don't do it, you're making me feel fucking stupid.*

A recorrência desses questionamentos nos leva a crer na existência de um relacionamento problemático, onde não existe uma coexistência saudável. A mulher expressa insatisfação em relação às atitudes do seu companheiro afetivo. Nessas atitudes encontram-se a falta de atenção e de demonstrações públicas de afeto, além da sensação dela de condescendência por parte dele. As atitudes dele destacadas nos questionamentos dela podem remeter ao que Bourdieu (2012, apud Paula; Rocha, 2019) chamam de violência simbólica ou suave, que acontece por meio do discurso atualmente conhecido como *gaslighting* (Chagas; Martins, 2022).

#### 4.1.2 Questionamento legítimo

Houve um momento na discussão entre o homem e a mulher em que ela, após dizer que o homem não deu atenção para ela e soltou sua mão, pede para ele ajudá-la a entender a atitude dele, conforme podemos verificar no excerto abaixo.

*What am I supposed to do with that?*

Resolvemos chamar este enunciado de “Questionamento Legítimo”, uma vez que a mulher parece se posicionar de maneira sincera e busca, de fato, uma resposta honesta do parceiro para que ela possa tentar entender o problema. Veremos mais adiante que o homem também fez vários questionamentos à mulher, mas, ao contrário dela, sua intenção não é tentar entender o comportamento dela, e sim minimizar a importância das reclamações da mulher.

#### 4.1.3 Reforço positivo da posição dele

Um elemento bastante importante na fala da mulher foi um momento em que ela reforça uma característica positiva no comportamento dele. Esse reforço positivo mostra a sinceridade da mulher e sua intenção em tentar amenizar as atitudes dele, buscando em sua memória uma razão ou motivo para preservar a imagem dele em prol da proteção de seu relacionamento.

*... you're the only one that makes me comfortable.*

Entretanto, mais adiante veremos que em nenhum momento o homem faz uso de reforços positivos acerca da mulher, muito pelo contrário, ele faz de tudo para minar a autoconfiança e a sanidade mental dela.

#### 4.1.4 Comentários sarcásticos

A análise revelou que em dois momentos a mulher fez uso de sarcasmo durante a discussão com o homem.

*No no no, no, trust me, they were enthralled by you, of course, of course.*

*No, you're the perfect person.*

A utilização do sarcasmo por parte dela é uma reação às atitudes dele, uma forma de indicar, apontar a violência simbólica praticada por ele. Ela aponta que ele cativou a atenção de todos, mas a ignorou. E ao falar que ele é perfeito, ela traz para a discussão que apenas ela erra, o erro remete a sua imagem e que ele está sempre correto, de acordo com a perspectiva dele. O sarcasmo, nessa situação, pode ser uma ferramenta utilizada pela mulher para denunciar o *gaslighting* praticado pelo homem com a intenção de tentar se defender da masculinidade tóxica dele.

## 4.2 Homem

Passamos a mostrar e discutir agora os principais recursos linguísticos utilizados pelo homem durante a discussão com sua namorada.

### 4.2.1 Negação de saber o motivo da reclamação

Uma forma bastante comum de tentar se eximir da responsabilidade dos seus gestos abusivos foi fingir que não lembra, não percebeu ou fez o gesto abusivo de modo inconsciente, ou seja, sem se dar conta do que estava fazendo. Observe o uso de processos mentais (*remember, notice, know*) com o homem na posição de Experienciador. É importante destacar que em uma das ocorrências abaixo a dimensão mental de desconhecimento é realizada pelo advérbio *subconsciously* (subconscientemente); isso remete ao que explicamos anteriormente que nem sempre um dado elemento estrutural e sua constituição semântica ocorre por meio de uma oração completa.

*... you're literally saying I dropped your hand like what **I don't even remember the moment** that you're talking about.*

*I didn't even fucking notice.*

*How can you be, like attacking me about something that I don't even like fucking know, I was doing it subconsciously,*

*Literally a moment that I don't even fuckin' remember ...*

Ao alegar que não lembra ou desconhece o gesto abusivo, o homem minimiza a importância da reclamação da mulher, pois sugere que o ocorrido foi algo sem importância. Além disso, por meio dessa estratégia discursiva, ele gera o efeito abusivo de fazer a mulher parecer ser uma pessoa focada em “picuinhas” e que ela estaria reclamando sem motivos. Todas essas intenções por parte dele indicam um homem tóxico que utiliza de ferramentas diversas do machismo moderno para manipular, oprimir e subjugar sua companheira, em uma tentativa de manter a hegemonia masculina.

#### 4.2.2 Pedido “falso” de esclarecimento

Outra estratégia utilizada pelo homem foi fingir que não entendia o motivo da reclamação feita pela mulher para, com isso, pedir esclarecimentos utilizando o modo interrogativo para fazer perguntas a ela. O uso do modo interrogativo cria a falsa impressão de que ele está sendo dialógico e que está interessado em entender os motivos da raiva da mulher, quando, na verdade, ele não está. A realização de transitividade, nesses casos, se dá por meio de processos verbais com a mulher no papel de Dizente. Isso indica que ele dá ênfase ao fato de ela ter falado sobre as situações, ao invés de focar nas situações propriamente ditas, questionando a veracidade das falas dela e, até certo ponto, a sanidade dela.

*What are you talking about I 'dropped your hand'?*

*But like, what are you talking about?*

*What do you mean I treated you differently?*

*What are you talking about I 'didn't even look at you'?*

O uso da estratégia de fingir que não está entendendo os motivos da reclamação da mulher gera ainda o efeito psicológico negativo de fazer a mulher duvidar da sua própria sanidade e, com isso, se sentir “louca”, uma vez que ele faz as reclamações objetivas dela parecerem algo totalmente bizarro e irracional, a ponto de fazê-la ter que explicar o que quer dizer. Assim, mais uma vez ele utilizou o *gaslighting* para manter sua posição de

superioridade, de estar certo e direcionando ela para a posição inferior, de errada, louca, insana.

#### 4.2.3 Comentários sarcásticos

Assim como a mulher, o homem também faz uso de sarcasmo para julgar negativamente o comportamento dela. Entretanto, enquanto ela usa o sarcasmo como defesa, ele o utiliza como uma forma de ataque. Assim, ao utilizar a expressão *awesome*, ele indica o quanto detesta ter que lidar com os sentimentos dela.

*Awesome, so fuckin' awesome.*

O sarcasmo como forma de ataque por parte dele é mais uma ferramenta para controlar a situação, minimizando os esforços dela de fazê-lo compreender seu erro, e a oprimindo, fazendo-a acreditar que toda a tensão da situação foi gerada por ela e seus sentimentos.

#### 4.2.4 Inversão de responsabilidade

Outra estratégia utilizada pelo homem foi tentar inverter a situação de responsabilidade do dano causado pelo comportamento dele, culpando, assim, a mulher pelo seu próprio sofrimento.

*I don't think I'm making you feel that way. I think you're making yourself feel that way.*

Em termos de transitividade, observa-se que, enquanto na primeira oração o homem é o Indutor, ou seja, o agente causador do sofrimento psíquico da mulher, na oração seguinte, é a mulher que ocupa a posição de Indutor. Dessa maneira, ele reverte a responsabilidade da situação para caracterizá-la como “desequilibrada” ou “histérica” - expressão muito utilizada para desacreditar e oprimir mulheres em épocas passadas (Holanda; Checchia, 2021).

A análise revelou também que outra forma utilizada pelo homem de tentar inverter a situação e colocar a mulher na posição de agressora ocorreu por meio de processos relacionais e verbais com a mulher na posição de Atribuidor e Dizente. Nesses processos, o homem a acusa de estar transformando / distorcendo a situação para chamar atenção sobre si mesma, como se ela estivesse com ciúmes por não ter sido ela o foco das atenções durante a noite com os amigos dele.

*You're making this about you.*

*I'm so, you're literally making the entire night about you.*

*It's so, it's fucking selfish.*

*... you're making it about you.*

*You're making it about your; you're acting self... I'm saying you're acting selfish, absolutely. Right now that's exactly what's happening.*

Como se não bastasse acusá-la de ser vaidosa e narcísica, o homem também a chama de egoísta, dessa forma, avaliando negativamente o suposto comportamento da mulher. Assim, ao colocá-la na posição de agressora, ele mais uma vez reafirma suas atitudes opressoras, novamente invertendo a responsabilidade da situação para ser interpretado como vítima.

#### 4.2.5 Tentativa de se justificar

Uma estratégia utilizada pelo homem foi tentar justificar o comportamento frio dele com sua companheira, ao dizer que ele estava focado em conversar com seus amigos, já que não os via há muito tempo. Em termos de transitividade, a principal realização se deu por meio do processo verbal *catch up* (se inteirar, se informar) com o homem na posição de Dizente. Ele usa esse processo para dizer que estava conversando com os amigos objetivando se informar sobre acontecimentos passados que ele desconhecia, devido ao fato de não ter tido contato com eles há anos.

*I'm catching up with friends, ...*

*I was catching up with people*

*These are people I haven't seen in like ten years ...*

*I'm catching up with friends!*

Entretanto, decidir conversar com os amigos não justifica o fato de ele ter ignorado a companheira a noite toda, pois ele poderia tê-la incluído na conversa e na socialização com seus amigos. Supostamente em um relacionamento saudável espera-se que o homem inclua sua companheira nas interações com seus amigos a fim de estreitar os laços entre eles. Ao ignorá-la e evitar incluí-la no diálogo, ele a isola, ação tipicamente associada à masculinidade tóxica hegemônica. Isolar a mulher é uma tentativa de mantê-la sob a manipulação masculina, sem interferências externas ao relacionamento.

#### 4.2.6 Acusações

Outra estratégia utilizada pelo homem foi acusar a mulher de realizar algumas ações que ele considera erradas. A acusação que ele faz e que aparenta ser a mais grave é dizer que, durante a discussão do casal, ela estaria acusando-o injustamente de ter sido frio com ela. Ao fazer isso, ele diz que ela, na posição de Ator, estaria “mantendo-o refém” (Meta) de uma falsa acusação. Geralmente, a posição de Ator indica alguém que tem poder de atuar sobre outro participante na condição de Meta.

*Cause you're acting pissed off.*

*...that you're like fuckin' like holding me hostage over.*

*... and you just sit there the entire fucking time.*

Ele a acusa de ter agido de forma não natural durante a noite, quando, na verdade, ela foi impedida e não incluída na discussão, da qual esperava fazer parte. Ao isolá-la e ignorá-la, ele conseguiu fazer com que ela se mantivesse na posição de submissa, realizando a manutenção da sua superioridade tóxica, na qual apenas ele possui o poder e direito de determinar e controlar o que ela pode ou não fazer.

#### 4.2.7 Avaliações e julgamentos negativos

Outra estratégia utilizada pelo homem foi julgar e avaliar negativamente o comportamento e as reclamações da mulher, como podemos ver nos excertos abaixo. A configuração de transitividade, nesses casos, consiste em usar um processo relacional com a reclamação e/ou o comportamento da mulher na posição de Portador com um Atributo pejorativo, tais como *ridiculous*, *bullshit*, *insane* e *crazy* (ridículo, bosta, insano e doido).

*It's ridiculous.*

*Such bullshit. That's such bullshit.*

*It's insane. It's fucking crazy.*

*It's literally like It's so crazy, ...*

*You were being weird and quiet the entire time!*

*Why are you so pissed off?*

De todos esses adjetivos pejorativos, provavelmente o mais abusivo é qualificar de doida e insana a reclamação da mulher. Chamar uma mulher ou seu comportamento de “doida” é extremamente grave, uma vez que faz a mulher questionar sua própria saúde mental e sua capacidade cognitiva de julgar as coisas. Mais uma vez ele desacredita e agride a perspectiva de sua companheira.

#### 4.2.8 Palavrões

Como mencionado no tópico anterior, há vários momentos que o homem utiliza palavras de baixo calão para julgar a discussão que está tendo com a mulher.

*Holy shit.*

*Holy shit. Holy shit.*

*... that's so fucked up.*

O uso de palavrões serve como mais uma forma de intimidação e agressão verbal. Em termos linguísticos, gostaríamos de sugerir que o uso de palavrões espalhados em vários trechos da fala do homem pode ser comparado ao uso e à fusão de adjetivos no elemento estrutural Avaliação do gênero “narrativa pessoal” investigado por Labov (1972).

A fusão de elementos genéricos foi observada pela primeira vez por Labov (1972), onde ele revisou a estrutura geral tradicional dos textos narrativos (isto é, Abstrato, Orientação, Ação Complicante, Avaliação, Resultado ou Resolução e Coda) proposta por Labov e Waletzky (1967). No centro da motivação de Labov estava o reconhecimento de que os dispositivos avaliativos podem ser distribuídos ao longo de uma narrativa e não apenas ser realizados em um elemento genérico distinto como ele e Waletzky haviam pensado anteriormente. A fusão ou combinação de dois elementos genéricos foi também relatada por outros linguistas que trabalham com o arcabouço teórico da LSF.

#### 4.2.9 Coda

Gostaríamos de finalizar nossa análise apresentando os últimos trechos das falas do homem e da mulher no vídeo investigado. O termo Coda, utilizado para nomear esta sub-seção, é bastante utilizado pelo linguista James Martin (cf. Martin; Rose, 2003) para

indicar o elemento estrutural final em narrativas de cunho pessoal. A palavra "coda" vem do italiano, que significa "cauda". Em música, uma "coda" refere-se a uma parte final de uma peça musical que oferece uma conclusão ou um fechamento à composição. Ela geralmente apresenta um tema ou frase musical que serve como um ponto final dramático.

Em nosso objeto de estudo, a discussão entre o casal termina – infelizmente – de uma forma bastante conhecida: a mulher, provavelmente exausta, confusa e abalada emocionalmente, começa a chorar, e o homem, em um aparente gesto de piedade, se desculpa por ter largado e afastado a mão dela. Em seguida, a mulher diz estar envergonhada, provavelmente pelas “reclamações” dela.

*Homem:* **Condescendente:**

*Don't fucking look at me like that, ...*

**Avaliação negativa:**

*... that's so fucked up.*

**Condescendente/compassivo:**

*Hey, hey. hey, hey, hey, come on, come on, come on.*

**Distorção:**

*I don't want to fight. I don't want to fight.*

**Pedido de desculpa:**

*Come on, I'm sorry. I'm sorry. I'm sorry. I'm sorry. I'm sorry.*

**Reconhecimento de culpa:**

*I'm sorry I dropped your hand.*

**Condescendente/compassivo:**

*Come on. Come on. Come on*

*Mulher:* **Indução ao Reconhecimento de culpa:**

*No, I'm embarrassed.*

*Homem:* **Condescendente/compassivo:**

*Come on, come on, come on, come on, come on, come on, come on, come on, I'm sorry.*

Em nosso entendimento, infelizmente, o desfecho da discussão termina com a “vitória” discursiva das estratégias de manipulação da masculinidade tóxica sobre a mulher, uma vez que ela parece sucumbir às estratégias manipulativas dele. O pedido de desculpa do homem não parece ser sincero, mas sim uma forma de se livrar da própria culpa em ter levado

a mulher àquele ponto de sofrimento e de pôr um ponto final na discussão que estava “dando trabalho” para ele. A manutenção da masculinidade tóxica acontece no dia a dia entre homens e mulheres de forma semelhante ao que transcorre na discussão apresentada no curta metragem.

## CAPÍTULO 5

### COMENTÁRIOS FINAIS

A presente pesquisa buscou identificar as características linguísticas da masculinidade hegemônica de uma relação romântica heterossexual, analisando o diálogo do curta metragem “*All Too Well: The Short Film*”, da cantora estadunidense Taylor Swift. A seguir recapitulamos os objetivos específicos da pesquisa e apresentamos algumas observações finais.

- A) Explorar os conceitos e as características da masculinidade hegemônica ao longo do tempo dentro do curta metragem.

Durante a pesquisa foram apresentados os conceitos de masculinidade hegemônica e sua repercussão histórica juntamente com suas nuances. As táticas e estratégias utilizadas pelo homem para manutenção do seu poder foram destrinchadas a partir de cada marco histórico da civilização humana.

Foram esclarecidos e relacionados os termos como machismo, masculinidade tóxica, *gaslight*, masculinidade hegemônica, violência simbólica e física, entre outros conceitos fundamentais para a opressão histórica e contínua da mulher.

- B) Investigar os enunciados discursivos da mulher e as estratégias linguísticas empregadas pelo homem em seus enunciados constitutivos da masculinidade tóxica, com base nos conceitos de gênero textual e elementos estruturais de Hasan (1989) e Eggins (2004).

A investigação dos enunciados discursivos no diálogo desenvolvido pela compositora estadunidense Taylor Swift foi essencial para que pudéssemos perceber algumas das características da hegemonia tóxica supracitadas. Essa investigação e divisão nos ajudou a denunciar as intenções e mecanismos usados pela mulher e pelo homem durante o diálogo.

- C) Analisar os papéis de participante do homem e da mulher nas falas tóxicas do homem, sob o prisma do Sistema de Transitividade (Halliday; Matthiessen, 2004).

A partir de uma análise sistêmico-funcional foi possível identificar características no diálogo passíveis de correlação com os estudos sobre masculinidade hegemônica. Os processos presentes no diálogo e papéis dados ao homem e mulher representam uma réplica do machismo que acontece no cotidiano de relações tóxicas entre homens e mulheres. Como disse o filósofo Aristóteles, “a arte imita a vida”.

De acordo com os resultados da análise, podemos notar que ‘ele’ é o protagonista nesse diálogo, tendo mais falas e mais processos (LSF). Levando em consideração o diálogo e seu contexto (a situação envolvida - jantar com os amigos ‘dele’), ‘ele’ é o centro, e as ações e objetos do diálogo são majoritariamente protagonizados por ‘ele’. Esse padrão de comportamento está alinhado com os conceitos já vistos sobre a masculinidade hegemônica, de acordo com Oliveira (2004). A partir dessa perspectiva, o homem deve ser o núcleo das suas relações e deve ter participação ativa em todos os processos e situações que o envolvem (Oliveira, 2004, apud Nigro; Baracat, 2018, p. 9).

Em contrapartida ‘ela’ tem papel passivo e reativo, suas respostas e falas são mais relacionadas a processos mentais, perceptivos e emotivos. Por mais que ‘ela’ tenha um papel de coadjuvante, ‘ela’ é reativa, notando que algo está errado numa tentativa de quebrar o molde de seu papel imposto por ele. Seu único ato de protagonismo durante a situação descrita - o ato de segurar a mão ‘dele’ durante o jantar - foi censurado por ‘ele’. Por ‘ela’ sair de seu papel de coadjuvante e agir por conta própria - e não apenas reagindo às ações ‘dele’ - ‘ele’ reage tentando colocá-la no seu pressuposto papel de mulher passiva e coadjuvante. Nesse contexto, ele pratica de violência simbólica ao se ‘libertar’ da mão dela, e pratica violência psicológica ao menosprezar a simbologia do ato e os sentimentos dela sobre o ocorrido. Bourdieu (2012) descrevem a violência simbólica como uma característica dominante da masculinidade hegemônica contemporânea que serve para oprimir a mulher de maneira sutil e suave. Esse tipo de violência vem como alternativa mais aceita socialmente do que agressões físicas (Bourdieu, 2012, apud, Paula; Rocha, 2019, p. 83). Apesar de ele não ser agressor físico, ele dispõe de diversos tipos de ferramentas e violências para minar a expressão dos sentimentos e perspectivas dela, nesse sentido ele continua sendo agressor praticando de violência verbal e psicológica, constantemente desvalorizando e ridicularizando os sentimentos e falas da mulher.

A masculinidade hegemônica utiliza e se perpetua também pela linguagem verbal. A comunicação entre pessoas é um aspecto intrínseco ao ser humano e à sociedade, refletindo assim os ideais nela existentes. Nesse âmbito a LSF se propõe a analisar o funcionamento da

linguagem humana e, por tanto, também serve como uma ferramenta identificatória de comportamentos - como no caso do curta metragem - nocivos. Nesse sentido, a indústria do entretenimento, que é tradicionalmente utilizada para preservar e difundir a hegemonia masculina, agora também serve para denunciá-la.

## REFERÊNCIAS

CHAGAS, Adriele Pureza; MARTINS, Maria das Graças Teles. Fenômeno Gaslight: da manipulação psicológica ao empoderamento feminino. **Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 579-596, mar. 2022.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, p. 241-282, jan. 2013.

EGGINS, Suzanne. **An introduction to systemic functional linguistics**. 2. ed. New York: Continuum, 2004.

FRANZÃO, Laura. **Entenda por que Taylor Swift está regravando seus seis primeiros trabalhos**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/entenda-por-que-taylor-swift-esta-regravado-seus-seis-primeiros-trabalhos/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

GOUVEIA, Carlos A. M.. Texto e Gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan. 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.

HASAN, Ruqaiya. The structure of a text. In Halliday, M. A. K.; Hasan, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HOLANDA, Ana Cláudia Lima; CHECCHIA, Marcelo Amorim. Sobre o machismo nas primeiras teorias da etiologia das neuroses. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 44, p. 163-176, jun. 2021. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952021000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952021000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 03 set. 2023.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In Labov, W., **Language in the inner city: studies in the Black English vernacular** (pp. 354-405). Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In J. Helm (Ed.), **Essays in the verbal and visual arts** (pp. 12-44). Proceedings of the American Ethnological Society. Washington, D.C.: University of Washington Press, 1967.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. London/New York: Continuum, 2003.

NIGRO, Isabella Silva; BARACAT, Juliana. Masculinidade: preciosa como diamante, frágil como cristal. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 4-19, maio 2018.

PAULA, Raí Carlos Marques de; ROCHA, Fátima Niemeyer da. Os Impactos da masculinidade tóxica no bem estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. **Revista Mosaico**. Rio de Janeiro, v. 10, p. 82-88, jul. 2019.

SWIFT, Taylor. **All too well**: the short film. Direção de Taylor Swift. Roteiro: Taylor Swift. EUA: Taylor Swift Productions, 2021. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tollGa3S0o8>. Acesso em: 01 ago. 23.

## APÊNDICE 1

### ANÁLISE ESQUEMÁTICA DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIIS

*Man:* **Questionamento acusativo:**

*Why are you so pissed off?*

*Woman:* **Negação:**

*I'm not pissed off, who said I was pissed off?*

*Man:* **Acusação:**

*Cause you're acting pissed off.*

**Avaliação negativa da reação do outro:**

*It's ridiculous.*

**Explicação:**

*These are my friends.*

**Acusação implícita:**

*And they were super fucking nice to you, too.*

*Woman:* **Rebatendo a acusação:**

*Well I liked your friends, I never said I didn't like your friends.*

**Aponta problema:**

*I didn't like the way you acted around them.*

*Man:* **Acusação:**

*You were being weird and quiet the entire time!*

*Woman:* **Negação:**

*I was not being weird.*

*Man:* **Acusação:**

*Yes, you were.*

*Woman:* **Aponta problema:**

*Because you wouldn't look at me!*

*You could ask me one thing the entire night.*

*Man:* **Avaliação negativa da reação do outro:**

*Such bullshit. That's such bullshit*

*Woman:* **Aponta problema:**

*You dropped my fucking hand!*

**Questionamento legítimo:**

*What am I supposed to do with that?*

*Man:* **Nega saber:**

*I didn't even fucking notice.*

**Pede Esclarecimento:**

*What are you talking about I 'dropped your hand'?*

*Woman:* **Aponta problema:**

*I don't know any of these people, they're all strangers.*

*They're all older than me.*

*Man:* **Pede esclarecimento:**

*But like, what are you talking about?*

*Woman:* **Aponta problema:**

*I feel so out of place, ...*

**Reforço positivo da posição dele:**

*... you're the only one that makes me comfortable.*

*Man:* **Acusação / Inversão:**

*You're making this about you.*

*Woman:* **Aponta problema:**

*You won't even look at me!*

*Man:* **Tira o foco/digressão/tergiversa/inventa desculpa:**

*I'm catching up with friends, ...*

**Nega saber:**

*... you're literally saying I dropped your hand like what I don't even remember the moment that you're talking about.*

*Man:* **Acusação/inversão/distorção:**

*How can you be, like attacking me about something that...*

**Nega saber:**

*...I don't even like fucking know I was doing it subconsciously,*

**Explicação evasiva:**

*I was catching up with people.*

*Woman:* **Aponta problema:**

*Don't do it, you're making me feel fucking stupid.*

*Man:* **Palavrão:**

*Holy shit.*

**Inversão de culpa**

*I don't think I'm making you feel that way. I think you're making yourself feel that way.*

**Nega saber:**

*Literally a moment that I don't even fuckin' remember ...*

**Acusação abusiva:**

*...that you're like fuckin' like holding me hostage over.*

**Aponta insanidade:**

*It's insane. It's fucking crazy.*

**Tira o foco/digressão/tergiversa/inventa desculpa:**

*These are people I haven't seen in like ten years ...*

**Acusação abusiva:**

*... and you just sit there the entire fucking time.*

**Tira o foco/digressão/tergiversa/tenta fazer o outro se sentir culpado:**

*It was fun. I actually had a fuckin' blast.*

**Acusação abusiva:**

*Now, now this is the night. Now we're doing this.*

**Man: Sarcasmo:**

*Awesome, so fuckin' awesome.*

**Woman: Aponta problema:**

*You just treated me differently.*

**Man: Pede esclarecimento:**

*What do you mean I treated you differently?*

**Woman: Aponta problema:**

*You didn't even look at me once!*

**Man: Pede esclarecimento:**

*What are you talking about I 'didn't even look at you'?*

**Woman: Pedido de atenção:**

*Listen to me!*

**Man: Tira o foco/digressão/tergiversa/Inventa Desculpa:**

*I'm catching up with friends!*

**Woman: Sarcasmo:**

*No no no, no, trust me, they were enthralled by you, of course, of course.*

**Man: Acusação / Inversão:**

*I'm so, you're literally making the entire night about you.*

**Woman: Sarcasmo:**

*No, you're the perfect person.*

**Aponta problema:**

*You didn't even look at me!*

*Man:* **Palavrão:**

*Holy shit. Holy shit. I can't. I can't.*

**Acusação/inversão:**

*It's so, it's fucking selfish.*

**Aponta insanidade:**

*It's literally like It's so crazy, ...*

**Acusação/inversão:**

*... you're making it about you.*

*Woman:* **Pede confirmação da acusação**

*Oh, so I'm selfish now.*

*Man:* **Acusação:**

*Yes!*

*Woman:* **Pede confirmação da acusação**

*I'm selfish now.*

*Man:* **Acusação/inversão:**

*You're making it about your, you're acting self... I'm saying you're acting selfish, absolutely. Right now that's exactly what's happening.*

**Condescendente:**

*Don't fucking look at me like that, ...*

**Avaliação negativa:**

*... that's so fucked up.*

**Condescendente/compassivo:**

*Hey, hey, hey, hey, hey, come on, come on, come on.*

**Distorção:**

*I don't want to fight. I don't want to fight.*

**Pedido de desculpa:**

*Come on, I'm sorry. I'm sorry. I'm sorry. I'm sorry. I'm sorry.*

**Reconhecimento de culpa:**

*I'm sorry I dropped your hand.*

**Condescendente/compassivo:**

*Come on. Come on. Come on*

*Woman:* **Indução ao Reconhecimento de culpa:**

*No, I'm embarrassed.*

*Man:* **Condescendente/compassivo:**

*Come on, come on, come on, come on, come on, come on, come on, come on, I'm sorry.*

## ANÁLISE DE TRANSITIVIDADE

Why	are	you
Proc. relacional	Portador	Atributo

Why	are	you	so pissed off?
	Proc. relacional	Portador	Atributo

I	'm not	pissed off
Portador	Processo relacional	Atributo

Who	said	I	was	pissed off?
Dizente	Proc. verbal	Portador	Proc. relacional	Atributo

Him:

Cause	you	're acting	pissed off.
Circ.: Causa: razão	Ator	Proc. material	Atributo

It	's	ridiculous
Portador	Proc. relacional	Atributo

These	are	my friends
Identificado	Proc. relacional identificativo	Identificador

They	were	super fucking nice	to you too.
Portador	Proc. relacional	Atributo	Circ.: Expansão: adição

Her:

I	liked	your friends
Senser	Processo mental - Emotivo	Fenômeno

I	never	said	I	didn't like	your friends
Dizente	Circ.: Tempo	Proc. Verbal	Dizente	Proc. mental Emotivo	Fenômeno

I	didn't like	the way	you	acted	around them
Senser	Proc. mental emotivo	Fenômeno	Ator	Proc. material	Circ.: Local

Him:

You	were being	weird and quiet	the entire time!
Portador	Proc. relacional	Atributo	Circ.: Tempo

Her:

I	was not being	weird
Portador	Proc. relacional	Atributo

Him:

Yes,	you	were!
	Portador	Proc. relacional

Her:

Because	You	wouldn't look	at me
Circ: Causa: razão	Senser	Processo mental - Perceptivo	Fenômeno

You	could ask	me	one thing	the entire night
Dizente	Processo Verbal	Receptor	Verbiagem	Circ.: Tempo

Him:

Such bullshit.	That	's	such bullshit.
Atributo	Portador	Proc. relacional	Atributo

Her:

You	dropped	my fucking hand!
Ator	Processo Material	Meta

What	am I supposed to do	with that?
Circ.	Proc. material	Meta

Him:

I	didn't even fucking notice.	
Sensor	Processo mental - Perceptivo	

What	(are) you	talking	about I dropped your hand?
Circ.	Dizente	Proc. Verbal	Verbiagem

I	dropped	your hand?
Ator	Proc. material	Meta

Her:

I	don't know	any of these people
Senser	Processo mental - Cognitivo	Fenômeno

they	're	all strangers
Portador	Proc. relacional Atributivo	Atributo

They	're	all older than me
Portador	Processo relacional Atributivo	Atributo

Him:

But like,	what	(are) you	talking	about?
	Circ. assunto	Dizente	Proc. verbal	Circ. assunto

Her:

I	feel	so out of place
Senser	Processo mental - Perceptivo	Atributo

You	're	the only one that makes me comfortable
Identificado	Proc. relacional	Identificador

[you]	makes	me	comfortable-
Atribuidor	Proc. relacional	Portador	Atributo

Him:

You	're making	this	about you!
Atribuidor	Proc. relacional	Portador	Circ.: Assunto

Her:

You	won't even look	at me!
Senser	Processo mental - Perceptivo	Fenômeno

Him:

I	'm catching up	with friends!
Ator	Processo Material	Meta

You	're literally saying
Dizente	Processo Verbal

I	dropped	your hand	like what
Ator	Proc. material	Meta	Circ.: Modo

I	don't even remember	the moment that you're talking about!
Senser	Processo mental - Cognitivo	Fenômeno

that	You	're talking	about
	Dizente	Processo Verbal	Verbiagem

How	(can) you	be like attacking	me	about something
Circ. modo	Ator	Proc. material	meta	Circ.: Assunto

that	I	don't even like fucking know?
	Senser	Processo mental - Cognitivo

I	was doing	it	subconsciously!
Ator	Proc. material	Meta	Circ.: Modo

I	was catching up	with people!
Ator	Proc. Material	Meta

Her:

[you]	Don't do	it,
Ator	Proc. material	meta

you	're making	me	feel	fucking stupid.
Indutor	Proc. relacional	Portador	Proc. relacional	Atributo

Him:

I	don't think	I'm making you feel that way
Sensor	Processo mental - Cognitivo	Fenômeno

I	'm [not] making	you	feel	that way [stupid].
Indutor	Proc. relacional	Portador	Proc. relacional	Atributo

I	think	you're making yourself feel that way.
Sensor	Proc. mental	Fenômeno

you	're making	yourself	feel	that way [stupid].
Indutor	Proc. relacional	Portador	Proc. relacional	Atributo

Literally a moment that	I	don't even fucking remember that
-------------------------	---	----------------------------------

I	don't even fucking remember	that
Sensor	Proc. mental - Cognitivo	Fenômeno

you	're like holding	me	hostage over.
Ator	Processo Material	Meta	Atributo

It	's	insane!
Portador	Proc. relacional - Atributivo	Atributo

It	's	fucking crazy!
Portador	Proc. relacional - Atributivo	Atributo

These	are	people I haven't seen in like ten years
Portador	Proc. relacional - Atributivo	Atributo

I	haven't seen	[them]	in like ten years.
Sensor	Proc. mental - Cognitivo	Fenômeno	

you	just sit	there	the entire fucking time.
Ator	Proc. material	Circ.: Local	Circ.: Tempo

It	was	fun.
Portador	Proc. relacional Atributivo	Atributo

I	actually	had	a fucking blast!
Sensor	Adjunto de modo	Proc. mental - Emotivo	Fenômeno

Now, now	this	is	the night.
----------	------	----	------------

Adjunto de modo	Identificado	Proc. relacional Identificativo	Identificador
-----------------	--------------	---------------------------------	---------------

Now	we	're doing	this
Adjunto de modo	Ator	Processo Material	Meta

Her:

You	just	just treated	me	differently.
Ator	Adjunto de modo	Proc. material	Meta	Circ.: Modo

Him:

What	(do) you	mean	I treated you differently?
Verbiagem	Dizente	Proc. Verbal	Verbiagem

I	treated	you	differently?
Ator	Proc. material	Meta	Circ.: Modo

Her:

You	didn't even look at	me	once!
Senser	Proc. mental - Perceptivo	Fenômeno	Circ.: Frequência

Him:

What	(are)	talking	about
Verbiagem	Dizente	Processo Verbal	Circ.: Assunto

"I	didn't even look at	you"!
Senser	Proc. mental - Perceptivo	Fenômeno

Her:

[you]	Listen to	me!
Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno

Him:

I	'm catching up	with friends!
Ator	Processo Material	Meta

Her:

No,	[you]	trust	me
-	Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno

they	were enthralled	by you,	of course of course!
Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno	

Him:

you	're literally making	the entire night about you!
Ator	Processo material	Meta

Her:

No,	you	're	the perfect person!
	Portador	Proc. relacional Atributivo	Atributo

You	didn't even look	at me!
Experienciador	Proc. mental - Perceptivo	Fenômeno

Him:

Holy shit. Holy shit.	I can't,	I can't.	

it	's	fucking selfish.
Portador	Processo relacional Atributivo	Atributo

it	's	so crazy.
Portador	Processo relacional Atributivo	Atributo

You	're making it	about you!
Ator	Processo Material	Meta

Her:

Oh so	I	'm	selfish (now)?
	Portador	Proc. relacional Atributivo	Atributo

Him: Yes!

Her:

I	'm	selfish (now)!
Portador	Proc. relacional Atributivo	Atributo

Him:

You	're making it	about your
Ator	Processo Material	Meta

you	're acting	selfish
Ator	Proc. Material	Atributo

I	'm saying	you're acting selfish, absolutely.
Dizente	Proc. verbal	Verbiagem

you	're acting	selfish, (absolutely)
Ator	Proc. Material	Atributo

Right now	that	's	exactly what's happening.
Circ.: tempo		Proc. relacional - Identificativo	Identificador

Don't [you]	(fucking) look at	at me	like that.
Sensor	Proc. mental - Perceptivo	Fenômeno	Circ.: Modo

That	's	so fucked up.
Portador	Proc. relacional - Atributivo	Atributo

Him:

I	don't wanna	fight.
Sensor	Processo mental - Desejo	Fenômeno

I	'm	sorry
Portador	Proc. relacional - Atributivo	Atributo

I	dropped	your hand.
Ator	Proc. Material	Meta

Her:

I	'm	embarrassed.
Portador	Proc. relacional - Atributivo	Atributo

Him: C'mon. C'mon. C'mon. I'm sorry.

I	'm	sorry.
Portador	Proc. relacional - Atributivo	Atributo